

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD
13 e 17 de Março de 2023

THE DROWNING POOL / 1975
(Sangue Frio em Água Quente)

Um filme de Stuart Rosenberg

Realização: Stuart Rosenberg / Argumento: Tracy Keenan Wynn, Lorenzo Semple Jr. e Walter Hill, baseado num romance de Ross MacDonald / Direcção de Fotografia: Gordon Willis / Direcção Artística: Paul Sylbert e Edwin O'Donovan / Guarda-Roupa: Donald Brooks e Richard Bruno / Música: Michael Small / Som: Clint Althaus / Montagem: John C. Howard / Interpretação: Paul Newman (Lew Harper), Joanne Woodward (Iris Devereaux), Anthony Franciosa (Broussard), Murray Hamilton (J. Hugh Kilbourne), Gail Strickland (Mavis Kilbourne), Melanie Griffith (Schuyler Devereaux), Linda Haynes (Gretchen), Richard Jaeckel (Franks), Paul Koslo (Candy), Joe Canutt (Glo), Andrew Robinson (Pat Reavis), Coral Browne (Olivia Devereaux), Richard Derr (James Devereaux), Helena Kallianiotes (Elaine Reavis), etc.

Produção: First Artists - Coleytown – Truman-Foster Company – David Foster Productions, para a Warner Brothers / Produtores: David Foster e Lawrence Turman / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendagem electrónica em português / Duração: 108 minutos / Estreia em Portugal: Roma, a 6 de Janeiro de 1978.

The Drowning Pool é um dos filmes mais esquecidos de todos aqueles em que trabalharam Paul Newman e Joanne Woodward, e praticamente ignorado – ou abandonado – desde o péssimo acolhimento crítico e comercial na época da estreia. É um filme com tão más referências que se começa a ver sem expectativa nenhuma. E talvez por isso, mas não só por isso, descobre-se que **The Drowning Pool** é um filme perfeitamente visível, com qualquer coisa de único ou, pelo menos, de inerente à época em que foi feito, que entretanto desapareceu do cinema americano. Como aliás desapareceu este tipo de filmes, estes exercícios de “neo-noir” cheios de “consciência do género” e equilibrados na corda bamba entre a irrisão dos estereótipos e o seu tratamento em seriedade e “primeiro grau”. Por mau que ele tenha parecido aos espectadores de 1975, tomara que em 2023 ainda se estreassem **Drowning Pools**.

Newman, em torno de quem, a partir do momento em que se envolveu, todo o filme foi erguido (mas a origem do filme é-lhe alheia, era para ser dirigido por Robert Mulligan, que depois se afastou, e quando Newman entrou na equação trouxe o seu amigo Stuart Rosenberg para realizar), também está numa “corda bamba” entre a reiteração da sua *persona* e, sobretudo, da sua aura, e a disponibilidade para nela abrir fissuras quase paródicas. Toda a sequência inicial, espécie de suporte do genérico que só retrata a pequena aventura de Newman com os cintos de segurança do automóvel e o alarme que lhe buzina aos ouvidos porque o cinto está mal posto, é um momento semi-burlesco que anuncia essa abertura a uma forma mais ou menos paródica. De resto, para o actor, **The**

Drowning Pool foi um divertimento, uma oportunidade de recriar uma das personagens que mais gozo tinha tido a encarnar, o detective Lew Harper primeiramente visto dez anos antes, no **Harper** de Jack Smight. Baseado outra vez numa história de Ross MacDonald (por alguma razão para que não conseguimos encontrar explicação cabal, o nome da personagem passa de Lew Archer nos livros de MacDonald a Lew Harper na sua existência filmica), o argumento traz o mundo do “noir” dos anos 40 e 50 (o romance de MacDonald foi publicado em 1950) para o mundo de um quarto de século mais tarde, quando tudo, e especialmente o cinema americano, era já algo de substancialmente diferente. Mas essa espécie de anacronismo, figuras próximas do “noir” de outras décadas a evoluírem num universo distintamente mais “moderno”, incluindo nas possibilidades de representação da crueza e da sordidez (físicas e morais), é um dos aspectos interessantes do filme, com aquela circulação entre os “bas fonds” e a fina flor (fina, mas letalmente corrompida a partir de dentro) da sociedade de Nova Orleães (as personagens de Joanne Woodward e, sobretudo, da muito jovem Melanie Griffith, cujas cenas com Newman neste filme dão uma certa modulação ao sentido das cenas com ambos num filme de vinte mais tarde, o belíssimo **Nobody’s Fool** de Robert Benton). Não admira que uma das principais críticas da época a **The Drowning Pool** se prendesse com a evolução da narrativa e com os “buracos” do argumento: seria estúpido fazer equivaler os dois filmes, mas **The Drowning Pool** é uma espécie de descendente do **The Big Sleep** de Howard Hawks, e é para um universo desse género que o filme nos convoca.

O que se significa que é um filme também cheio de derivas, menos interessado numa devolução linear da narrativa do que na pintura de ambientes e na caracterização de personagens, e mesmo a “economia” das cenas – umas breves, outras mais longas independentemente do que trazem à “evolução” da narrativa – denota isso, o interesse na química ou na tensão criada a partir do específico confronto de actores e personagens em cada cena. As cenas de Newman com Griffith têm isso, como já dissemos, como têm as com Joanne (cuja personagem, como já acontecia em **WUSA**, volta a ser, no final, uma espécie de cordeiro sacrificial), como têm as com a mais fugaz Linda Haynes (apesar de tudo, uma personagem que “cresce”, como se vê também no desfecho), como têm, embora a sequência seja semi-decepcionante, os momentos do “clou” (a “drowning pool” a que o filme vai buscar o título), com Newman e Gail Strickland encharcados até aos ossos e em risco – ou vai ou racha – de afogamento. E evidentemente, as cenas com o vilão-mor, Murray Hamilton (no mesmo ano em que foi o “mayor” do **Jaws** de Spielberg), que se excede em maldade suave e afectação sulista, espécie de caricatura “bigger than life” e orgulhosa de o ser (caricatura e “bigger than life”).

Finalmente, outro aspecto a ter em conta, e perfeitamente consentâneo com o desejo de ter, sobretudo, ambientes e caracterizações: a fotografia de Gordon Willis. Inventava mil maneiras de filmar todas as cores contidas na penumbra, seja a penumbra dos interiores, seja a da noite de Nova Orleães.

Apesar da má fama, passa-se um bom bocado durante a hora e três quartos de **The Drowning Pool**.

Luís Miguel Oliveira